

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
Curso de Especialização em Cultura do Consumo

Desescolarização:
utopia ou construção de um novo paradigma?

Letícia Salgado Bonardi
Professor Orientador: Paulo Durán



Letícia Salgado Bonardi

**Desescolarização:
utopia ou construção de um novo paradigma?**

Monografia apresentada à Coordenação Central de Extensão da PUC-Rio
como requisito parcial para conclusão do curso de especialização Cultura
do Consumo, do departamento de Ciências Sociais.

Professor Orientador: Paulo Durán

Rio de Janeiro

Agosto de 2018



Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar os inúmeros caminhos que levaram as famílias a optarem por práticas de desescolarização. A análise foi feita através de revisão de literatura, palestras, filmes, podcast, blogs e debates no facebook sobre o tema. Foram traçadas as correlações entre universos que são atingidos na opção pela escolha dessa prática: social, político, econômico, pedagógico e feminino; e observadas como essas mudanças afetam a relação família-escola e demandas por serviços.

Palavras-chave: desescolarização, *homeschooling*, *unschooling*, escola, educação parental, maternidade.

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 4 |
| Educação e sociedade..... | 7 |
| Um breve histórico sobre a educação no Brasil | 8 |
| Um breve histórico sobre a educação em casa | 10 |
| Razões para o rompimento com a Instituição Escola | 11 |
| Escolarização Livre | 13 |
| As relações entre sociedade pós-moderna e a desescolarização | 17 |
| Escolarização nos dias de hoje | 17 |
| Ruptura com o sistema | 18 |
| Novas práticas educacionais | 21 |
| O conceito de <i>homeschooling</i> : pedagogia do controle x individualismo pedagógico..... | 25 |
| O empoderamento feminino e seus reflexos na prática do <i>homeschooling</i> | 30 |
| A expansão da internet e seu impacto no <i>homeschooling</i> | 34 |
| Cenário..... | 36 |
| Considerações Finais..... | 41 |
| Uma breve recomendação final | 44 |
| Referências Bibliográficas | 45 |
| Anexos | 49 |

1

Introdução

No cenário global atual, a crise econômica, social, de classe, de raça, de gênero, etc. traz uma sensação de instabilidade, incerteza e insegurança. No Brasil, não é diferente. Passamos por momentos de turbulência, transformação e reinvenção social.

Para muitos não há mais sentimento de pertencimento nessa sociedade. Caminhamos de um espírito coletivo de comunidade para um espírito de imunidade em relação ao outro. Perdemos nossa habilidade de sentir, de afetar, de promover encontro, intimidade. Neste cenário, a escola surge como consequência e perpetuação das disfunções sociais, não questionadas, transmitidas de geração em geração; e o ensino doméstico, como a forma de educação que permite que os educandos desenvolvam as suas respostas para as suas próprias questões, visões interiores e valores (Sedlmayr, 2014).

O campo da educação é atravessado pela correlação desses sentimentos, pelo poder do Estado vigente e por desigualdades. Nesse campo, se colocam em disputa práticas que podem servir à manutenção da opressão e da dominação, ou que se produzem como resistência.

A ansiedade gerada por essas relações provoca inquietação, num movimento ora em busca de segurança, ora em busca de renovação de conceitos e de valores. Na procura por alternativas e novos caminhos pessoais surgem oportunidades para inovar, buscar novas significações e repensar o papel na sociedade. O crescimento de serviços personalizados provoca uma nova descoberta do ser, mais orgânica e compreensível.

No campo educacional, e dentro dessa ótica, a proposta de desescolarização se propõe a ocupar um espaço diferenciado da estrutura escolar padrão. O número de famílias que aderem à proposta da desescolarização cresceu nos últimos anos¹. Esse fato parece estar relacionado

¹ Em 2011, cerca de 400 famílias haviam optado por não realizar a matrícula escolar de suas crianças em instituições regulares. Após dois anos, o número havia dobrado, chegando à 800 famílias. Em 2015, a quantidade estava em torno das 2,5 mil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação determina que é obrigatória a frequência de todas as crianças de 4 a 17 anos em uma instituição de ensino. Tanto a desescolarização quanto a educação familiar não apresentam amparo legal e os pais podem ser denunciados por "abandono intelectual". Segundo a Associação

com uma crise do sistema regular de ensino, no que se refere aos impeditivos engendrados nos processos escolares. Ao mesmo tempo, revela mudança nas maneiras de pensar, agir e viver intensificadas na contemporaneidade, nas quais a prevalência das instituições dá lugar a uma forma de organização em rede, como o Coletivo Barro Molhado² em São Paulo, que independe de recursos com espaços físicos delimitados e de uso frequente e permanente. Também em São Paulo, cresce o número de espaços não formais de educação infantil, que fazem parte de um movimento³ de rejeição às escolas para crianças menores de 6 anos⁴. Um desses espaços, o Ori Mirim, se descreve da seguinte maneira:

o Ori Mirim é um projeto de educação infantil que foi criado a partir da necessidade de algumas famílias e educadorxs de transformar nossa forma de estar no mundo, viver, educar e cuidar das crianças. O Ori tem como objetivo propiciar às crianças a ampliação de suas maneiras de se relacionar e compreender o mundo e a si próprias. Para isso buscamos construir momentos de encontros, experimentações e explorações, num estreito diálogo com manifestações da cultura popular e elementos da natureza. Nossa atuação tem como princípios a escuta, o respeito e o tempo - singular a cada criança em seu brincar e plural, diante das trocas e movimentos. Para que essa atuação se dê, é necessário um olhar atencioso dxs educadorxs para as relações e os acontecimentos, assim como momentos frequentes e regulares de pensamento, reflexão e estudo. Construímos o projeto em estreita relação com as famílias com a possibilidade de participação na prática, nas reflexões e na elaboração e continuidade do projeto.⁵

Há algumas décadas a luta pela educação se concretizava na luta pela escola. Para os que tinham filhos não havia dúvidas em colocá-los na escola. Atualmente essa dúvida aumentou: colocar ou não na escola? Qual o tipo de educação se deseja: uma que segue o formato tradicional ou uma educação "desescolarizada"? Essas dúvidas indicam que a instituição escolar sofre os efeitos desse cenário, sendo questionada como dispositivo social, o que dá margem para o surgimento de movimentos à procura de formas alternativa de ensinar.

Nacional de Educação Domiciliar (Aned), em 2017, há pelo menos 6 mil crianças de 3,2 mil famílias que aderiram ao modelo no Brasil. Mas a própria Aned acredita que o número possa ser ainda maior, já que muitas famílias não declaram por medo de serem denunciadas.

² Em 2013, um grupo de cerca de 15 famílias e cinco educadores promoveram encontros semanais com o comum desejo de co-construir um outro paradigma de educação. O coletivo denominou-se Barro Molhado pela pretensão do grupo "de amassar o barro, que incessantemente molhado, se manteria num processo contínuo de criação, esculpindo formas e transformando-as, mantendo viva a memória do que já se forjara". (GONÇALVES, 2016, p.39)

³ A opção pela palavra "movimento" deve-se ao fato de sua utilização ser recorrente, tanto pelos defensores e usuários do *homeschooling* e desescolarização, como por seus detratores e críticos.

⁴ Disponível no site: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-busca-por-espacos-informais-de-educacao-infantil,70002223145>. Acesso em 25/4/2018

⁵ Disponível no site: <https://www.facebook.com/groups/unschoolingbrasil/permalink/2253356738022787/> Acessoemem:7/7/2018

Ao contrário da escola, no ensino doméstico o modo de organização educacional é pensado, conscientemente ou não, em função do educando, a partir de uma narrativa que lhe é própria. A educação parental - assumida pelos pais - considera os primeiros anos de vida cruciais para a educação e o desenvolvimento da criança. Neste processo as mães assumem um papel fundamental, que exige alto nível de escolarização, e, não raras vezes, levando-as a interromper a sua atividade profissional para se dedicarem à prática diária do ensino doméstico. Mães que, na linha de uma "maternalização intensiva" (Hays, 1996), negam, interrompem ou reconstróem o seu próprio projeto segundo os interesses e necessidades do educando. Ainda que a decisão de praticar a educação em casa seja dos pais, a maior parcela do ensino das crianças, na prática, geralmente é colocada nos ombros da mãe. O que leva a uma famosa afirmação que *homeschooling* nada mais é do que mãe-*schooling*.

Juridicamente, não importa se é *homeschooling* ou *unschooling*, ao tirar da escola é tudo a mesma coisa. No Brasil não temos uma norma que trata de Educação domiciliar, por isso nunca foi ilegal. O que temos são normas que determinam a matrícula da criança em uma escola. Na época da CF/88, o legislador não tinha conhecimento da existência dessa modalidade. As únicas opções eram de matricular na escola ou deixar em abandono intelectual. Há poucos anos essa opção se tornou pública no Brasil⁶.

As famílias que educam seus filhos em casa estão escudadas em liminares que serão julgadas pelo STF no dia 30/8/18 (RE 888.815). O elemento central de seus argumentos é a liberdade de escolha dos pais e o seu direito de definir o que consideram a alternativa educativa mais adequada para seus filhos.

Apesar da Educação em casa ter, hoje, inúmeros adeptos, comunidades organizadas, teóricos e pesquisadores tratando do tema, há também, numa proporção igual ou maior, aqueles que condenam essa prática. A escolarização com seus sistemas instituídos foi uma conquista dos últimos séculos que trouxe incontestáveis progressos para a sociedade, e qualquer alternativa que rompa com a sua formatação é inaceitável. Justificam que é preciso melhorar a qualidade da escola, mas, em nenhuma hipótese, desescolarizar a sociedade.

Apesar dos aspectos políticos e pedagógicos envolvidos no duelo entre essas duas correntes, não se pode desconsiderar que a perspectiva da educação domiciliar se torna uma possibilidade real à medida que as tecnologias

⁶ Disponível no site: <https://globoplay.globo.com/v/6912786/programa/>. Acesso em 1/8/2018

da informação e da comunicação disponíveis aproximam o conhecimento dos sujeitos e tornam a intermediação da escola, por vezes, dispensável, rompendo a forma dos processos escolares. No livro *The homeschooling revolution*, Lyman (2000) examina que esses pais estão tornando aceitável o que é considerado, até então, uma ideia da contracultura. Torres Santomé (2003) no livro *Ventos de descolarização. A nova ameaça à escolarização pública* faz o discurso de que *homeschooling* serve às intenções dos representantes da teoria econômica liberal. Ao ilustrarmos muitos dos "modos incorretos da escola", esse movimento contribui para reforçar a estratificação social, econômica, política e cultural, ou seja, aumenta as desigualdades além de deixar as fraturas sociais mais evidentes. Como sublinha o próprio Torres Santomé (2003), o "ensino em casa" é, essencialmente, preferido pelas classes sociais mais favorecidas (Vasconcelos, 2017).

Para análise e reflexão desse movimento, as seguintes abordagens foram feitas: qual a relação entre a sociedade e a instituição escolar e as razões que levam ao seu rompimento; as práticas educacionais que surgem a partir desse rompimento e suas ligações com a agenda neoliberal, individualidade do sujeito, maternidade e expansão da internet.

2

Educação e sociedade

O processo educacional é uma das várias maneiras de uma sociedade manter sua estrutura e seu fundamento. Esse processo de formação social é determinado por regras, normas morais, éticas, costumes e línguas, comuns a todos os integrantes. A educação é uma instituição de reprodução social, serve para passar adiante as formas normalizadas de uma construção social.

Ao falarmos de instituições educadoras não estamos nos referindo apenas à escola, é importante entendermos que o processo educacional não começa e não ocorre apenas na escola. A primeira instituição educadora é a nossa família e é dela que herdamos parte de nossas "ferramentas sociais". Apenas mais tardiamente é que seremos introduzidos ao mundo da escola.

Para Durkheim (2007) a maior parte das instituições sociais nos são transmitidas inteiramente prontas pelas gerações anteriores, não tomamos parte

alguma em sua formação. Todos os membros da sociedade se veem em um universo que possui um sentido, "que existia antes de terem nascido e continuará a existir depois de morrerem" (Berger e Luckmann, 2014, p.135)

A maneira como educamos as crianças é um fato social. Toda a educação consiste em um esforço contínuo para impor às crianças maneiras de ver, sentir e agir, às quais ela não chega espontaneamente. A educação tem justamente por objeto produzir o ser social. A criança sofre a todo instante pressões do meio social para modelá-la à sua imagem, onde os pais e os mestres são os representantes e os intermediários (Durkheim, 2007,p. 6).

Para Berger e Luckmann (2014), na sociedade cada instituição representa estrategicamente um papel em sua formação. Estes papéis ajudam a manter a integração e a conduta dos membros. O conhecimento é um produto social e fator de transformação social. O mundo social foi feito pelos homens, e, portanto, pode ser refeito por eles. Esse mesmo mundo pode ser interpretado de diferentes maneiras, dependendo dos interesses concretos de poder adquiridos dentro da sociedade em questão. Assim, nascem novas ideologias, com seus elementos teóricos específicos, incorporadas por um grupo. Essas ideologias geram solidariedade no grupo que vive um conflito social. A maioria das sociedades modernas são pluralistas: compartilham de um universo que é o seu núcleo, e têm diferentes universos parciais coexistindo em um estado de mútua acomodação (p.161).

2.1

Um breve histórico sobre a educação no Brasil

No Brasil, uma das maiores conquistas brasileiras da educação surgiu a partir da Constituição Federal de 1988 (CF/88): a previsão de que o direito à educação é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado e da família. Com a CF/88, busca-se garantir tal direito através da obrigatoriedade da criança em passar pela escola. Destinado a atender toda a população, intensamente atravessado pelas desigualdades fabricadas socialmente, o território escolar torna-se um lugar privilegiado de produção de experiências. Atribui-se ao processo escolar o dever de solucionar as problemáticas sociais e econômicas, e a incumbência da própria emancipação do indivíduo, formando-o para a cidadania e qualificando-o para o mercado de trabalho. A escola é o local onde é possível oferecer a todos uma educação para a cidadania, baseado na

necessidade dessa educação para continuidade e fortalecimento dos princípios democráticos que regem o país. Enquanto instituição promotora de educação, a escola integra a realidade social dos indivíduos, mediando a consciência destes como uma referência vital por meio da qual é possível perceber o mundo.

De acordo com Sacristán (2001, p.11) a instituição escolar é considerada como algo 'natural' e necessário, tornando-se o local onde as pessoas passam tantos anos de suas vidas sem questionar seu significado e razão de ser e aceitando-a como necessária e obrigatória. Essa representação coletiva que se faz da escolarização obrigatória universalizou-se nas diferentes sociedades e culturas, como uma realidade prática institucionalizada, onde sua imagem e necessidade são diluídas no cotidiano das pessoas.

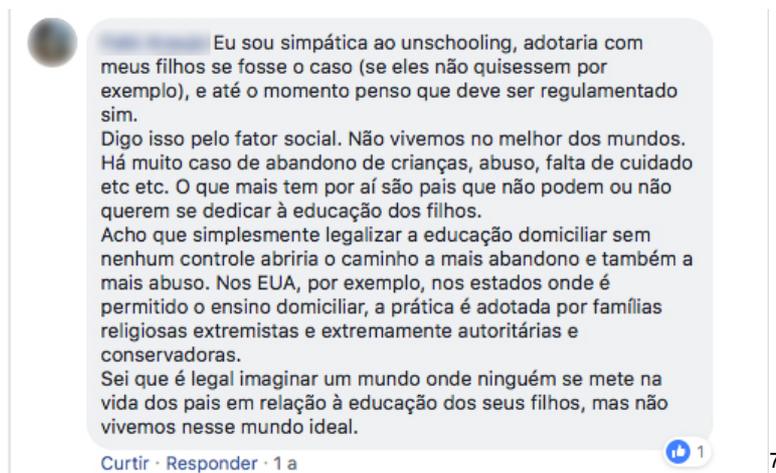
Diante do não cumprimento dessas funções atribuídas ao sistema escolar surgem alegações de fracasso da instituição. Embora possamos destacar o lugar estratégico da escola e da educação em processos de transformação social, responsabilizá-las inteiramente por tais mudanças é uma ilusão: nenhuma produção escolar - ou de outro meio qualquer - de forma isolada, será suficiente para transformar a sociedade enquanto seu funcionamento perpetuar condições de desigualdade. Os problemas sociais são frutos da forma como a nossa sociedade tem se constituído.

A escola não possui o monopólio dessa tarefa de formação. Ela é apenas uma entre as várias instituições com que os alunos convivem e formam seus valores, princípios éticos e morais. A família, amigos, e a sua própria exposição à mídia ajudam nessa formação.

A educação acontece o tempo todo, inclusive quando nossos filhos não estão perto de nós nem na escola, nem em nenhum outro lugar de educação formal. Nossos filhos também se educam, bem ou mal, quando assistem à TV, estão na internet, conversam com vizinhos, brincam com outras crianças ou convivem com as famílias dos amigos. Por isso mesmo, de alguma forma, educar as crianças é dever de todo mundo, por mais que a gente ande esquecido disso (Vassallo, 2007, p. 265)

As escolas e os processos de escolarização podem ser compreendidos como lugares que possibilitam experimentações, que incitam a criação, que potencializam a vida. A escola ocupa lugar privilegiado na articulação entre as maneiras de viver, de pensar e de agir na sociedade, bem como nos processos

de constituição do sujeito. O perigo da ruptura com a instituição escolar é que, ao se confinar na instituição familiar, ela pode ser tão autoritária quanto a outra.



2.2

Um breve histórico sobre a educação em casa

As práticas de *homeschooling* são anteriores às escolas públicas formais e representavam uma forma de escolaridade que se realizava por necessidade de transmitir valores culturais e habilidades que poderiam ser utilizadas na transição da infância para a idade adulta (Brewer e Lubienski, 2017).

Constata-se um notável predomínio das populações *homeschoolers* nos países anglo-saxões, baseado na hipótese de que a forte tradição jusnaturalista na história britânica tenha favorecido instituições promotoras e instâncias jurídicas favoráveis aos direitos parentais. Vieira (2012, p.13) enfatiza a predominância dos *homeschoolers* em países mais bem situados na escala de desenvolvimento humano e econômico.

Este tipo de ensino prevaleceu na América do Norte até a década de 1870, quando a educação compulsória e a formação profissional dos educadores contribuíram para a institucionalização da educação. Sua prática continua, mesmo que limitada, até a década de 1960, quando passa a receber atenção e interesses de pais e educadores. A partir da década de 1970 o movimento a

⁷ 5/9/2016. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/unschoolingbrasil/permalink/1319937968031340/#> Acesso em: 4/8/2017

favor dessa modalidade de ensino aflora como uma alternativa à escola formal, representando um protesto político e apresentando um crescimento contínuo. Acontecimentos sociais como urbanização, feminismo, radicalismo político, privatizações e o crescimento de um sistema escolar público secular e burocrático, contribuíram para o crescimento do movimento *homeschooler*.

2.3

Razões para o rompimento com a Instituição Escola

Diante de um cenário evidenciado por precariedades e desigualdades que atravessam e se produzem no cotidiano escolar, nos questionamos se a educação está em crise. Percebemos uma crença no esgotamento do sistema regular de ensino. Entretanto, tal esgotamento não revela qual a direção para a transformação necessária. Entre as múltiplas possibilidades que se abrem a partir desse esgotamento, toma corpo uma alternativa contrária à educação escolar institucional e compulsória: o ensino em casa. Conhecido na língua inglesa como *homeschooling*, é uma situação onde os pais ou responsáveis assumem responsabilidade direta sobre a educação das crianças, ensinando-as em casa, seguindo programas e cronograma de atividades, ao invés de enviá-las ao sistema educacional público ou privado. As práticas de desescolarização também se fortalecem como uma possível direção. Outra possível direção são mudanças necessárias nas formas de agir e pensar, dentro das escolas e de outras instituições educacionais formais e não-formais.

Às motivações que levam os pais à optarem pelas práticas de ensino em casa, rejeitando a instituição escolar, tanto pública como privada, variam entre questões ideológicas e religiosas com fatores específicos de situações vivenciadas no ambiente escolar, sob as críticas de que as escolas não cumprem com qualidade seu papel de formação intelectual e sua contribuição para o exercício da cidadania.

Alguns pais posicionam-se contrários à escola, por conta dos baixos rendimentos acadêmicos que são proporcionados aos alunos, criticam, também, a formação moral promovida por essas instituições, e questionam o tipo de socialização oferecida pela escola. Para esses pais a socialização necessária para a formação das crianças não se encontra somente na instituição escolar, é possível oferecê-la em outros ambientes e em contato com pessoas diversas que não somente seus pares da mesma idade.

Os pais favoráveis à escola entendem a educação como um processo que não se resume apenas à aquisição de conhecimento. Sua frequência diária é necessária para a garantia da formação da cidadania. Apenas a família nesse processo é insuficiente. A convivência com outras famílias com formação familiar e cultural diversas, gera situações de conflitos onde o relacionamento diário exige um pensamento e postura em favor do coletivo. Esse espaço oferecido pela escola garante uma sociedade democrática.

Segundo a CF/88, a responsabilidade pela educação das crianças deve ser tríplice e compartilhada entre família, sociedade e Estado. Isso gera um debate recorrente sobre o papel do Estado *versus* o papel da família na educação das crianças. Os filhos pertencem ao Estado ou à família? A função do Estado é como responsável maior pelas crianças ou como aquele que apresenta um papel apenas supletivo e subsidiário à responsabilidade pela educação das crianças? Se aos pais pertencem os filhos, de acordo com Documentos e Tratados Internacionais de Proteção aos Direitos Humanos, é da família a prioridade na escolha do gênero de educação a ser dada aos filhos. Porém, o sujeito de direito à educação são as crianças, não cabendo aos pais violá-los, mas, esses pais abrem mão do serviço estatal de educação, realizando da forma como consideram melhor, visando o bem da criança.

O principal argumento das famílias que educam seus filhos em casa é a liberdade de escolha dos pais e o seu direito de definir o que consideram a alternativa educativa mais adequada para seus filhos.

Nos seguintes casos julgados pelo STF⁸, os argumentos dos pais contra o ensino em espaço escolar eram:

Na Família Vilhena Coelho, de Anápolis/GO a preocupação é de que os filhos se tornassem "cidadãos de bem", "realizados na área pessoal e profissional, sendo éticos em todos os âmbitos da vida". Os pais consideram salas de aula como um lugar 'artificial', que segrega crianças da mesma faixa etária e de mesmo poder socioeconômico. A estrutura escolar é vista como propícia para doutrinar as crianças, como almeja o Estado.

Na Família Nunes, de Timóteo/MG, a reflexão sobre a escolarização de seus filhos tem base na sua própria trajetória escolar: por ter sido um excelente aluno no Ensino Fundamental I, o pai passou a ser motivo de gozação e a

⁸ BARBOSA, 2013, p. 30 - 84

receber apelidos, levando-o a registrar resultados negativos no Ensino Fundamental II. O pai chegou a iniciar os estudos no Ensino Médio, mas optou por sair da escola e estudar o que lhe interessava fora dela, tornando-se um autodidata, abrindo logo depois sua própria empresa, deixando de seguir a mesma trajetória escolar e profissional que os jovens da sua região. Além das críticas à "deficiência crônica" pela qual passa a escola brasileira, o casal questionou a instituição de ensino em ordem moral ("Pluralidade Cultural e Orientação Sexual"), classificando a instituição escolar como altamente segregadora e definidora de classes, não propiciando um ambiente saudável para socialização.

Na Família Silva, de Maringá/PR, houve descontentamento com o ensino de conteúdos, quanto à formação religiosa e de valores. O filho se queixou de agressões verbais e físicas por colegas.

Na Família Ferrara, de Serra Negra/SP, o pai é norte-americano, a mãe brasileira. Decepcionaram-se com a falta de qualidade do ensino oferecido, e almejando passar mais tempo com as filhas, decidiram tirar da escola e promover o ensino em casa. Ambos os pais declararam ser evangélicos, mas a decisão pelo ensino em casa não teve motivações religiosas. Segundo a mãe, nos Estados Unidos há um grande contingente de pessoas evangélicas que optam pela prática do *homeschooling*. Acreditam que "as pessoas que buscam estar mais próximas de Deus conseqüentemente se mostram mais direcionadas à qualidade da educação dos filhos, se preocupando com questões que vão além dos resultados acadêmicos, como a condição física e formação religiosa e moral das crianças".

2.4

Escolarização Livre

Considera-se uma conquista o fato de o Estado ter se responsabilizado por oferecer educação escolar para todos, através de um único sistema nacional de educação.

O campo da educação formal é um dos mais importantes dispositivos que espelham e promovem a sociedade governada. Se as famílias são diferentes em sua moral, crença e valores, como oferecer um único sistema de ensino? Quais os direitos do Estado de promover um ensino com princípios distintos da família?

Esse modelo de sociedade proposto pela educação escolar vem sendo questionado. Um lugar no qual se forjam oportunidades de experimentação, aprendizados, produção de saberes, amizades, etc., têm tornado essas possibilidades escassas, por estar sempre atravessado por processos de judicialização, psicologização, individualização, etc. o que faz com que a escola se torne mais uma produção proibitiva do viver.

Hoje em dia vivemos a ditadura do especialista. Os pais ficam ouvindo demais tudo o que os especialistas dizem. Não que eles não possam dizer coisas importantes, mas muitas vezes, eles dizem coisas que só desgastam, só criam tensão, só geram expectativas nos pais em relação ao sucesso da criança. Os pais pensam que não sabem nada, eles acreditam nisso. Os pais, em geral, estão sendo tratados como imbecis e estão aceitando isso. (Vassallo, 2007, p. 15)

Foucault (Nunes e Assmann, 2000) analisa a modernidade evidenciando sua constituição através do engedramento do poder disciplinar. Esse poder atua através do governo da individualização: controle e dependência, pelos outros e por nós mesmos, através da concepção de ideias do eu, identidade e consciência. Como afirma Foucault, a escola é lugar privilegiado de exercício do poder disciplinar e do sequestro dos corpos, torna-se uma máquina de ensinar e opera a partir da racionalidade dominante: através de mecanismos de vigilância, sanções normalizadoras e exames, buscando produzir sujeitos dóceis e úteis.

A marca educativa da modernidade é a intensa articulação do Estado com as instituições escolares, onde estas, são reguladas, disciplinadas e controladas em seus assuntos pedagógicos. Influenciados por um pensamento liberal, os favoráveis ao ensino em casa citam alguns teóricos que se tornaram base para a idealização e prática do ensino em casa.

Entre os teóricos, Ivan Illich se sobressai com sua teoria da desescolarização na década de 1970. Como a escolarização apresenta papel fundamental enquanto instituição que promove educação, sua crítica às instituições era de que se elas foram criadas para atender às necessidades da sociedade, elas também suscitavam novos problemas que seriam resolvidos com a criação de mais instituições. Dessa forma, as pessoas ficam com suas visões de mundo limitadas e prisioneiras das mesmas. Além de modelarem a concepção de realidade ao impor o modo de pensar da classe dominante, reproduzindo sua estratificação social, a sociedade só compreende a

possibilidade de progresso através da existência e expansão das próprias instituições.

O surgimento dos movimentos estudantis na década de 60 e a maneira com que o Governo e a mídia desmoralizaram e reprimiram suas reivindicações, evidenciou que a escola e a educação participam dos processos de dominação da sociedade, contribuindo com sua desigualdade. A escola passa a ser compreendida como um lugar de exercício do poder, que funciona através da racionalidade econômica, política e social dominante.

O movimento da desescolarização ganha repercussão nos anos 70 com o questionamento da escola como reprodutora da sociedade. Ao abrir a escola para todos, a ideologia dominante transmite certa noção de igualdade. As escolas, além de deterem o monopólio da educação formal, fazem uma propaganda intensa de que apenas por essas instituições pode se obter o saber legítimo e reconhecido na sociedade. Ela também afirma, que todo saber ensinado fora dela não tem valor, acabando com a vontade de aprendizagem independente. Trata o saber como mercadoria, e de lógica mercadológica. Passamos a esperar da educação escolar resultados relacionados a certificados e títulos, o produto ao invés do processo.

Para Illich (1985, p.26) a educação deve se libertar dos "alicerces ocultos de uma sociedade escolarizada". As pessoas não precisam seguir os currículos estabelecidos, e teriam disponibilidade para aprender e ensinar quando quisessem. Para ele a escola era entendida como um obstáculo para a transformação da sociedade. Ao buscar a desescolarização da sociedade, Illich procura construí-la de forma que o aprendizado e o conhecimento estejam livres de obrigações e controles.

Outro teórico que defende que as crianças não precisam ser obrigadas à aprendizagem é John Holt. Para ele, a aprendizagem se dá naturalmente ao oferecermos às crianças uma rica variedade de recursos e liberdade para que sigam seus próprios interesses. A criança possui um desejo natural por aprender. Ao oferecermos a educação através do sistema educacional, atrapalhamos esse processo natural de aprendizagem. Essa linha de pensamento é que passou a ser chamada de *unschooling*, e propõem uma série de alternativas à escolarização institucional utilizando espaços públicos com rica variedade de recursos, para as crianças acessarem e explorarem com liberdade

de acordo com seus interesses, cultivando a curiosidade das crianças. Para os *unschoolers*, não se deve apenas replicar a escola formal em casa.

Illich e Holt defenderam a necessidade de eliminação da educação obrigatória para a construção de uma sociedade mais humana.

Devido à secularização da educação, ideologias de libertação sexual e vários outros fatores que iam contra os valores morais e religiosos de grande parte da população, a década de 1980 foi pontuada pela luta de *homeschoolers* religiosos e seculares em prol da legalização de seus direitos. Raymond e Dorothy Moore (1989), casal da Igreja Adventista do Sétimo Céu, influenciados pelo que a igreja já defendia sobre a relevância do papel da mãe na educação das crianças pequenas, pesquisaram e divulgaram resultados de estudos indicando que mantendo as crianças em um ambiente acolhedor e gastando tempo com os seus pais, as crianças ficariam livre dos malefícios que a educação escolar traz nas questões psicológicas, biológicas e desempenho acadêmico. O casal Moore apresentou resultado de mais de dez anos de pesquisas, alertando o mundo de que cerca de 70% de todos os problemas de comportamento seriam apresentados por jovens que foram para a escola muito cedo. O casal Moore passou a ser reconhecido como líderes do movimento *homeschoolers* cristão, aproximando-se dos mórmons, católicos, e outros que apresentavam os valores familiares como base para o ensino em casa dos filhos. O casal Moore mostrou como um pequeno grupo organizado pode exercer forte influência política. Em 1983, o casal influenciou a criação da *Homeschool Legal Defense Association (HSLDA)*, para prover assistência legal às famílias protestantes.

Segundo Reich (2002), o movimento *homeschooling* na América do Norte teve mudanças motivacionais das famílias praticantes ao longo das décadas: 1970, expressavam orientação liberal, humanista e pedagógica; 1980 e 1990, trouxeram manifestações de ordem ideológica, conservadora e religiosa. Nos dias de hoje, a razão da maioria dos pais é por acreditar que as escolas não satisfazem às necessidades morais e espirituais dos filhos.

As razões básica que incentivam políticas públicas para promover a educação básica é assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornece-lhes os meios para

progredir no trabalho e em estudos posteriores⁹. Atualmente, os documentos que norteiam a educação básica são a Lei nº 9.394, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e o Plano Nacional de Educação, aprovado pelo Congresso Nacional em 26 de junho de 2014. Outros documentos fundamentais são a Constituição da República Federativa do Brasil e o Estatuto da Criança e do Adolescente

Analisando o cenário educacional no Brasil encontram-se as seguintes opções: o sistema público de ensino sucateado; escolas particulares confessionais, com as quais nem sempre as famílias se identificam; escolas subordinadas a redes de ensino com material apostilado e estandardizados; escolas mais preocupadas com a posição da instituição no ranking do ENEM do que preocupadas com a formação do aluno.

Para a maior parte da população do Brasil o direito de passar no vestibular ou o direito de conseguir um emprego é a grande função da escola.

3

As relações entre sociedade pós-moderna e a desescolarização

3.1

Escolarização nos dias de hoje

Noguera-Ramirez (2011) destaca os três momentos nos modos de pensar e praticar a educação: sociedade do ensino (XVII e XVIII), onde o ensino tem estrita relação com as práticas de polícia e os processos de constituição da Razão de Estado; sociedade educadora (XVIII e XIX) quando um novo conceito de educação é formulado em meio aos discursos do Iluminismo: a educação liberal, com suas práticas educacionais compreendendo a liberdade e a natureza humana; sociedade da aprendizagem (século XIX), onde o conceito de aprendizagem é expandido por toda a sociedade (não fica limitado apenas ao

⁹ Disponível no site: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica>. Acesso em 5/6/2018.

ambiente da escola), cria-se a exigência do aprendizado constante ao longo da vida.

A partir do conceito de sociedade de aprendizagem, a ideia do aprendizado refere-se à capacidade do sujeito em aprender a aprender: um aprendizado que enfatiza não a apropriação de conteúdos ou conhecimentos específicos, mas a aquisição da habilidade de aprender, criando um sujeito flexível que se molde de acordo com as mutáveis exigências de produtividade do modo capitalista. Atualmente a ideia da aprendizagem, está conectada com algo que deva ser prazeroso ao indivíduo, ele tem que aprender por desejo, vontade e interesse.

É contra essa vertente do Estado monopolizar a direção da educação que se colocam os favoráveis ao ensino em casa, levantando questões teóricas sobre o ensino livre.

Apontar os esgotamentos do sistema regular de ensino se faz necessário, pois quem está em meio aos processos de desescolarização destacam essas questões. Esses são apenas alguns dos elementos que estão em jogo na constituição das práticas de desescolarização, e não são exclusivos do território escolar, mas são impeditivos que atravessam o campo do social.

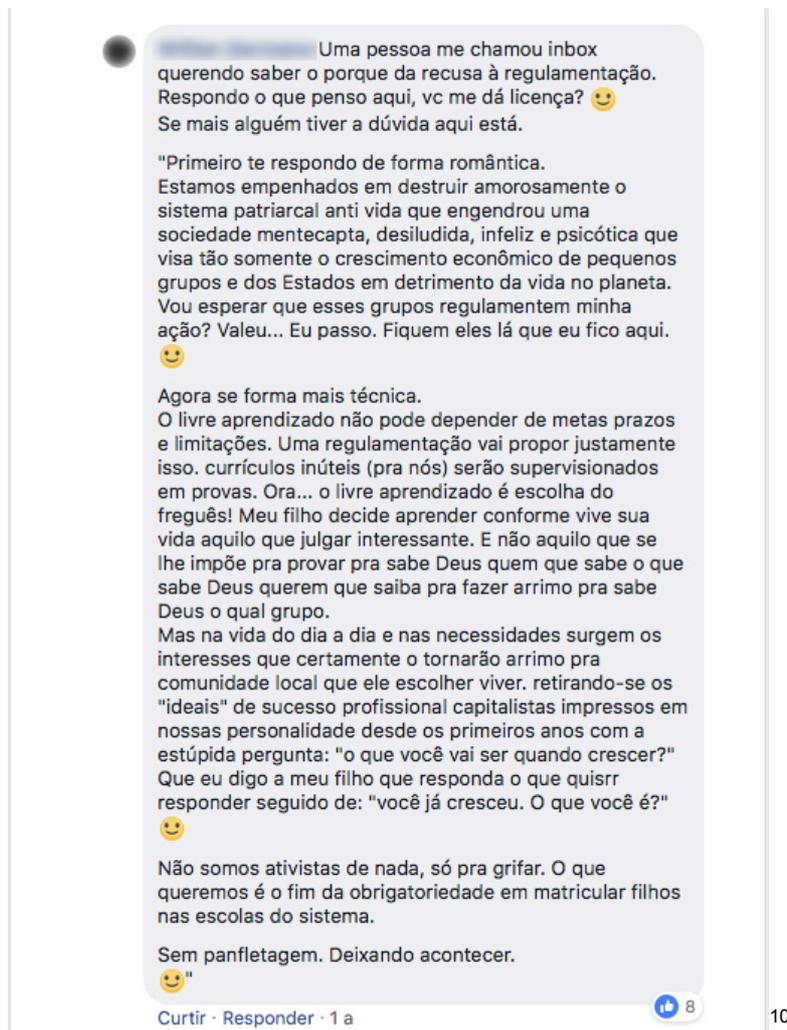
O momento atual foi denominado por Deleuze (1992) de sociedade de controle, onde as formas de se exercer o poder ocorrem através de um controle que se produz de maneira intensa, difusa e invisível. Essa sociedade também foi marcada pela passagem do liberalismo ao neoliberalismo (Foucault, 1978-1979), da modernidade sólida para a modernidade líquida (Bauman, 2001). Os valores econômicos incorporaram-se aos domínios da vida social, onde os sujeitos se tornam empreendedores de si e as relações são reguladas pelas dinâmicas comerciais e concorrenciais.

3.2

Ruptura com o sistema

O *homeschooling* é uma forma de educar em casa, mantendo as técnicas e estratégias do sistema regular de ensino. A desescolarização (*unschooling*) é uma forma de educar dentro ou fora de casa, propondo novas maneiras de educar rompendo com os modelos do sistema regular de ensino. É uma ruptura

para além do que é considerado deficiente na educação, é uma ruptura com os processos e objetivos de atender ao modelo de sociedade em que vivemos.



Essas rupturas evocam duas questões centrais: a primeira refere-se a processos que estão relacionados a modos de vida; e a segunda, a maneiras alternativas que se contrapõem à educação formal. São considerados processos de resistência, pois, além de se opor às práticas existentes, criam novas práticas educacionais passíveis de criar novas formas de vida, modos de existir, modos de se organizar, formas de produzir conhecimento e criação de novas redes de sociabilidade.

Esses processos contribuem para a construção de diversas práticas educacionais: famílias que optam por não colocar os filhos no sistema regular de

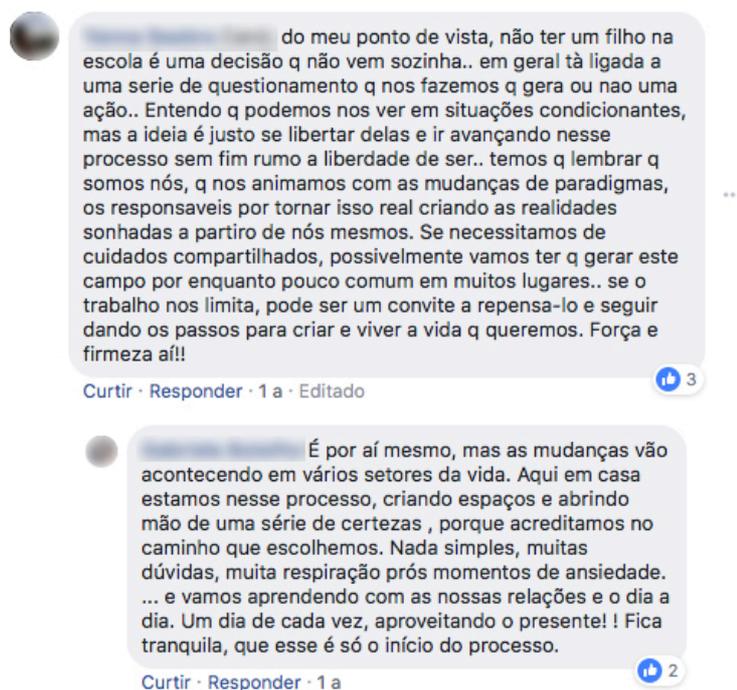
ensino e se responsabilizam totalmente pela educação e processos de ensino; famílias que buscam construir novas maneiras de viver; coletivos que são criados envolvendo diversas iniciativas, com o objetivo de refletir, trocar e pensar junto.

Para os adeptos da desescolarização, no ambiente escolar as crianças não são respeitadas em suas próprias opiniões, e acabam tendo as relações entre si pré-determinadas. A escola disciplinar nasceu e cresceu de mãos dadas com a indústria. A socialização entre as crianças é compatível com o modo de organização social daquele momento, e hoje em dia as características estruturais são outras. Na sociedade daquela época, aceitava-se a separação dos alunos por faixas etárias, por níveis de conhecimento; os próprios conhecimentos separados por disciplinas; os espaços, por paredes, portões, cadeados; o tempo separado por grades horárias, sinal... Como a escola pode promover uma sociabilidade saudável dentro desse enquadre? A inflexibilidade e o rigor da disciplina escolar prepara a criança para um modo de vida específico dentro da sociedade.

A escolarização ultrapassa os muros da escola e está presente nas relações familiares e sociais. As famílias que praticam a desescolarização consideram-se mais atentas aos filhos e abertas às riquezas emanadas de vivências plurais. Isso decorre da opção por respeitar a liberdade e os interesses da criança, que, sendo assim tratadas, constroem uma base de convivência pautada no respeito e tolerância, em oposição a regras disciplinares impostas sem reflexão.

Os pais veem na prática da desescolarização a formação do autodidata: o filho cresce com autonomia para escolher como, quando e onde. O papel dos pais nessa formação é de apoio, presença, disponibilidade, diálogo e, principalmente, confiança.

Para eles, não é apenas um modo de educar os filhos, é toda uma mudança de paradigma, é viver em outro sistema. A recusa à educação, em muitos casos, vem de par com a recusa de um modo de vida que inclui os resultados da educação, e não apenas o seu processo. Com a desescolarização estamos assistindo ao desejo de criar outros modos de vida, outro tipo de organização social.



11

Os processos de desescolarização ocorrem ao mesmo tempo em que todos os outros âmbitos da vida têm se tornado pedagogizados e os desejos e a responsabilidade tomam o lugar da obrigação. Porém, estar fora do sistema escolar e de seus currículos obrigatórios não é garantia de libertação ou emancipação. Nenhuma prática pode garantir tais ideais enquanto a sociedade permanece em seu modo capitalista de produção de desigualdades.

3.3 Novas práticas educacionais

Ao se estabelecerem, essas práticas criam formas de discursos próprios e passamos a acreditar que apenas essa forma pode dar conta dos processos educacionais. Ao acreditarmos apenas nessa forma como verdadeiro, desconsideramos a multiplicidade que as práticas carregam e aos problemas aos quais elas remetem. Faz parte dos movimentos acreditar que apenas uma forma pode dar conta de todas as dimensões da existência da vida, assim como passamos a acreditar que as práticas da desescolarização seriam as soluções

¹¹ 19/9/2016. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/unschoolingbrasil/permalink/1335358033156000> Acesso em: 4/8/2017

dos problemas sociais ou as melhores e mais corretas maneiras de se fazer educação.

São duas perspectivas que explicam as razões pela escolha dessa prática. A primeira é perspectiva acadêmica/pedagógica: a educação deve ser adequada para cada criança individualmente, ao contrário da criança se adequar ao sistema escolar. A segunda perspectiva é ideológica: o currículo utilizado para educar as crianças é baseado em certos princípios morais.

Hoje em dia os motivos de escolha dos pais para ensinar seus filhos em casa não são apenas políticos e religiosos: insatisfação com a escola, transmissão de valores, dificuldade do aluno com o sistema educacional, ou dificuldade da escola com o ritmo de aprendizagem da criança, o sentimento de que os pais podem dar uma educação melhor, falta de segurança e de recursos nas escolas.

Em recente evento proporcionado pela Faculdade de Educação da UFRJ para assistir ao filme "Capitão Fantástico" seguido de debates,¹² foram foco de discussão os constrangimentos e as amarras impostas por certos modelos institucionais de educação. Ao longo dos debates emergiram reflexões sobre questões e práticas contemporâneas alternativas de educação, repensando e avaliando os modelos institucionais, a perpetuação de políticas e estilos de vida que diminuem a liberdade e a abertura para o povo. Durante a participação do público, dois depoimentos relacionados à educação domiciliar se destacaram.

O primeiro depoimento foi de uma mãe que tirou o filho da rede pública no ano de 2017. Ela alega que o filho tinha problemas com escola e não com o aprendizado; a insatisfação do menino com o ambiente escolar era muito grande, "não era feliz lá", e, o filho apresentou comportamento de protesto (ia para a escola chorando, fez greve de silêncio) até a mãe entender que ela tinha que tirá-lo da escola. A escola onde o filho estudava é da rede pública, a mãe "acredita no ensino público".

O segundo depoimento foi de um pai que formou uma creche parental¹³. Para ele, "antes de desescolarizar temos que discretizar". A educação dos filhos

¹² Debate disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wU24bY6CCJw> Acesso em: 15/9/2017

¹³ Mães e pais que formam grupos para cuidarem uns dos filhos dos outros. Se organizam em espaços alugados, públicos ou nas próprias casas. É uma alternativa a babás e creches convencionais. As famílias optam por esse modelo por falta de vagas em creches públicas e até mesmo particulares, ou pelo alto custo das escolas e babás. Há famílias que buscam uma educação mais livre, com menos regras e mais envolvimento de pais e mães, e há quem procure por uma rede de apoio e troca para deixar a maternidade e a paternidade menos solitária e poder

não deve ser entregue a uma instituição. Escolas têm disciplinas inúteis, sendo que "na vida lidamos a maior parte do tempo com pessoas e sentimentos, e não aprendemos sobre isso na escola", e "a escola te prepara para ser um profissional, mas é o que menos vamos ser nessa vida". Em sua opinião, se os pais fossem mais presentes e mais atentos na vida dos filhos, não precisaríamos conversar tanto sobre desescolarização.

Com 20 anos percebemos que passamos 90% do nosso tempo em instituições de ensino: escola, curso de inglês, natação, e não sabemos lidar com pessoas, não sabemos nada da vida, e seus pais acham que estão te fazendo bem. A escola faz um papel muito conveniente de responsabilidade dos pais. Ao deixar o filho na escola ele foge da responsabilidade. A maioria das famílias usa isso para tirar a sua presença na educação dos filhos. (depoimento na palestra)

Esse desejo de maximizar a quantidade e a qualidade do tempo dos pais com os filhos em atividades de aprendizagem é um dos variados motivos pela escolha dessa prática, juntamente com seus valores e crenças.

A escola é um espaço único de socialização. Espaço de experimentação afetiva, do amor, do intelecto, do conflito, da criatividade, de tudo. E também é outro espaço, é o espaço da criança sozinha, sem os pais.

O papel da escola na vida das crianças é de apresentar fatos que os pais não passam em casa, por falta de tempo, sensibilidade, habilidade, percepção e conhecimento. A escola serve para ampliar a sensibilidade das crianças, ajudar a discipliná-las, sem isentar os pais das suas funções.

A escola acabou se tornando um serviço. Os pais a contratam e ao colocar o seu filho determina que ela tem que resolver todos os problemas, entregar boas notas e cuidar dele. É assim que grande parte dos pais decidem se relacionar com a escola.

Nessa sociedade neoliberal, o mais importante é ganhar dinheiro do que estar presente na vida dos filhos. A frase do momento é "O que realmente interessa não é o tempo que eu fico com a criança, e sim, a qualidade do tempo que eu fico com ela". Qualidade do tempo, qualidade de vida. Essas expressões foram importadas do mundo empresarial, do mundo executivo. A migração de

refletir sobre educação. Não existe uma regra que resuma como as creches parentais funcionam, já que depende do grupo e das demandas, mas todas têm em comum a participação ativa e intensa das famílias em alguma etapa do processo, seja no dia a dia com as crianças ou em questões mais administrativas.

certos valores econômicos a outros domínios da vida social têm transformado os sujeitos em indivíduos-microempresa e empreendedores. O campo educacional está imerso na racionalidade que opera através da teoria do Capital Humano, buscando produzir indivíduos "pró-ativos, inovadores, inventivos, flexíveis, com senso de oportunidade, com notável capacidade de provocar mudanças, etc." (Gadelha, 2009, pg. 81)

Nesse contexto, na lógica de tornar o sujeito empresário de si mesmo, é mais importante aprender a aprender do que aprender um determinado conteúdo. Essa visão impregna as relações com os filhos e justifica o modelo de delegar a educação a terceiros, de preferência preenchendo o tempo com o maior número de atividades extra-curriculares possíveis. A estratégia pedagógica que pretendem da escola é a de "um sujeito em permanente processo de aprendizagem, em permanente reconfiguração de si." (Saraiva e Veiga-Neto, 2009, p. 199)

O espaço escolar é feito para ser uma construção coletiva, mas não tem tido envolvimento da família no processo educacional: pais que trabalham demais e nunca podem participar acabam, deixando de fazer a sua parte na formação educacional dos filhos.

Um dos divisores de águas dessas gerações foi a internet. Antes os pais não precisam lidar com todas as questões que surgem nas redes sociais. Criava-se sobreviventes. Hoje o objetivo é criar seres humanos mais felizes, para serem agentes transformadores da sociedade.

"O mais importante de tudo é que o seu filho esteja feliz na escola. Porque não adianta: se ele não estiver feliz, não vai aprender nada nem vai passar o dia bem, mesmo que estude na escola mais maravilhosa do mundo" (Vassalos, 2007, p.234). Esse pensamento idealiza uma realidade onde não existe sofrimento para seus filhos, que não podem ser contrariados e devem ter suas vontades satisfeitas. Os pais tem a ilusão de que conseguem blindar o filho, de que tem muito controle sobre ele. O espaço escolar acaba sendo o lugar de controle: controla para acolher, controla para evitar o sofrimento. E é o lugar pra por a culpa quando algo sai errado. O controle é um mecanismo de satisfação própria, e é uma coisa que não se tem sobre os filhos.

Devido a todas essas mudanças de gerações, modelo capitalista na criação de filhos, começam a surgir argumentos contra o sistema pedagógico

das escolas, que, tiveram que se moldar de acordo com as demandas dessa sociedade.

Tanto a família como a escola procuram apoiar-se mutuamente, mas desencontram-se nesse jogo acerca de suas responsabilidades educativas. A família e a escola devem agir como agentes socializadores através de práticas educativas baseadas na reciprocidade das interações e nas distintas situações em que os comportamentos se manifestam (Silveira, 2007). Em resumo, as instituições e os profissionais da educação não estão recebendo das famílias o apoio necessário para desempenhar seu papel, e as famílias, por sua vez, não estão recebendo deles a ajuda necessária para cumprir a sua função.

3.4

O conceito de *homeschooling*: pedagogia do controle x individualismo pedagógico

A partir da pedagogia do controle, as novas formas de administrar a infância e a juventude tornam idênticos os discursos escolares e os não - escolares, ambos discursos assumem a função da produção "do novo sujeito moral, o sujeito flexível, tolerante e supostamente autônomo, requerido pelas novas modulações do controle que gravitam entre o Estado e o mercado neoliberal" (César e Duarte, 2009).

O coletivo Barro Molhado (Gonçalves, 2016, p. 36), em São Paulo, surgiu de encontros de algumas pessoas que tinham em comum o desejo de co-construir um outro paradigma de educação. Para o coletivo não faz sentido falar de mudança de paradigma na educação sem mudar a relação com o dinheiro. O coletivo, formado por famílias e educadores, tem em comum incômodos às formas de educar hegemonicamente presentes no sistema regular de ensino, o que gerou o desejo de não-escola; incômodo com formas naturalizadas de estar no mundo. À esse desejo, vieram outros: estar com os filhos de outra maneira, brincar, cuidar, plantar, viver em comunidade entre outros. O que se iniciou como proposta de experimentação das crianças em um meio não-escolar tornou-se uma variedade de experimentações para as relações entre as crianças, suas famílias e os educadores. Inventou-se no coletivo novas maneiras de educar em outros territórios.

A cultura que está na base dessas práticas é o individualismo pedagógico. Buscam uma experiência personalizada de ensino para realçar a personalidade

da criança, seus talentos, estilo cognitivo e senso de si próprio. Os pais que optam por essas práticas, se veem como "escolhedores" entre uma variedade de métodos, usando vários até encontrar a melhor maneira da criança aprender (Davies e Aurini, 2003).

É notório que esses questionamentos ao sistema surgem numa época onde cresce o número de pessoas que não confiam mais nas instituições: estado, casamento, religião. Estamos vivendo um cenário de materialismo exacerbado, que, paradoxalmente, tornou possível a eclosão de uma cultura centrada na expansão da subjetividade, na escolha de cada um. Esse "potencial humano" está se libertando da ordem disciplinar, característica da era do consumismo.

Viver para o momento é a paixão predominante - viver para si, não para os que virão a seguir, ou para a posteridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongarão no futuro. É o enfraquecimento do sentido do tempo histórico - em particular, a erosão de qualquer preocupação maior com a posteridade. (Lasch, 1983, p.25)

Para Lipovetsky (2005), esse momento do tempo, em que o capitalismo autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo, designa o surgimento de um perfil narcisista no indivíduo: um individualismo puro se desenvolve, desprendido de valores sociais e morais, emancipando-se de qualquer enquadramento transcendental, mudando o sentido de sua própria esfera privada uma vez que se entrega aos seus próprios desejos.

Como o futuro parece ameaçador e incerto, resta debruçar-se sobre o presente: sentindo-se frustrados por não conseguirem alcançar os frutos de uma sociedade capitalista que seus antepassados colheram, colocam o futuro em parênteses, começam a proteger, a arrumar e a reciclar o presente, desvalorizando o passado em razão de sua avidez de soltar-se das tradições e das limitações dessa sociedade. Com foco em um futuro de melhor qualidade para seus filhos, com foco em mudanças sociais para as gerações futuras, essa indiferença pela linha do tempo cria um narcisismo coletivo como sintoma social dessa sociedade burguesa, incapaz de enfrentar o futuro de outro modo.

De acordo com Birman (2000), tal sociedade pós-moderna surge a partir da falência dos projetos sociais de superação do mal-estar, levando à ruína do

sujeito epistêmico e do indivíduo social. A fragmentação da subjetividade do sujeito levou-o ao mal-estar na atualidade trazendo como reação o autocentramento do sujeito no Eu. Essa subjetividade sustenta o paradoxo de um autocentramento voltado para a exterioridade, com características de exibicionismo e esvaziamento das trocas intersubjetivas. A dimensão estética, dada pelo olhar do outro, ganha destaque.

Na prática, a desescolarização promove uma mudança nos pais, pois eles é quem têm que se "desescolarizar". Os filhos já crescem sob essa nova orientação, e "liberdade" nas escolhas. Nessa dissolução do Eu, abre-se uma nova ética permissiva e hedonista: o esforço saiu de moda, tudo o que é constrangimento e disciplina rigorosa desvalorizou-se em benefício do culto ao desejo e de sua satisfação imediata. Mas, até que ponto essa liberdade nas regras pode ser apenas a troca de um esquema considerado fechado por outro igualmente inflexível? Qual o limite ao poder dos pais em decidir e influenciar as escolhas dos filhos?

Nesse novo sistema que funciona para o prazer, bem-estar, essa despadronização do sujeito visa uma valorização geral do indivíduo. A revolução das necessidades com a ética hedonista aos poucos vai esvaziando as finalidades sociais de seus significados profundos nos indivíduos. Esse novo sujeito precisa ser protagonista de suas escolhas, não estar atrelado à marcas. Na sociedade do consumo, os desejos são pautados e a vida é roteirizada.

Todas as famílias percebem seus filhos como indivíduos únicos, os conhecem em profundidade. O ensino domiciliar possibilita a oportunidade de educar conhecendo os pontos fortes, fracos e interesses do seu filho. O sistema tradicional de ensino ameaça a identidade da criança, sendo as mães as mais aptas para ensinar. A escola conhece conteúdos disciplinares, mas a mãe é quem conhece a criança. "É respeitar o crescimento dos filhos e compreender que os filhos são diferentes uns dos outros. O desenvolvimento, o ritmo, o temperamento, a personalidade de cada um são diferentes." (Vassalos, 2007, p.12).

A base da filosofia da desescolarização é o amor, a confiança e a liberdade. Responder às expectativas e curiosidades dos filhos, sem impor suas escolhas. Os processos de aprendizagem se tornam mais profundos e inesquecíveis.

Se você diz aos seus filhos que eles têm a escolha, e que controlam suas próprias vidas, você reforça esse conceito. E passa uma mensagem diferente a eles quando os força a fazer outras coisas, e impõe sobre eles a sua ideia de sucesso. Essa é a armadilha. Você deve ser consistente, as crianças precisam disso, e se confiarem que você está genuinamente tentando apoiá-los nas escolhas que tomarem, eles se tornarão confiantes para tomá-las (depoimento, documentário "Ser e vir a ser").

O estranhamento que causam os praticantes da desescolarização perante a sociedade está relacionado com a cultura do local. Em países onde a cultura é comunitária, e todos agem de forma parecida, o sistema escolar é parte do que os tornam local. As pessoas se sentem moralmente ofendidas quando você não o faz.

Em uma de suas produções, Arendt (1978), apontou problemas relacionados na diluição da barreira entre o público e o privado. O público se constitui na criação de um mundo comum entre os adultos, onde as pessoas falam e são ouvidas, vêm e são vistas, onde todos são responsáveis. As crianças estão em processo de formação e não alcançaram o estágio no qual respondem por si próprias e se tornam responsáveis pelo mundo. A vida familiar (âmbito privado) é intensamente atravessada pelo lugar de proteção da criança contra o mundo; já a escola, ocupa o lugar de transição entre privado e público (representa o mundo) e deve introduzir, aos poucos, a criança nele. Sem as delimitações que distinguem o que é público do que é privado, as formas pelas quais as relações se constituem em cada um desses âmbitos, as práticas educacionais correm o risco de isentar os adultos de sua função de educador e atribuir às crianças responsabilidades que não são delas.

Criar rupturas nas formas de dominação existentes na sociedade requer mais do que romper com esse controle, pois vivemos em um tempo de intensificação do auto-controle, marcado pela responsabilização pessoal e culpabilização, no qual impera o controle de si sobre si mesmo.



26 de junho

olá! A mãe da minha filha tirou ela da escola há 1 mês para inseri-la na desescolarização. Embora tenha concordado, admito que tenho medo de que ela se torne uma adulta com lacunas de conhecimento. Acredito que a escola, apesar dos problemas inquestionáveis, ainda é o lugar mais adequado para garantir o acesso ao conhecimento e, principalmente, à pluralidade. Me preocupa sobretudo o fato de não conhecer nenhum jovem ou adulto que tenha sido educado com este método e de, conseqüentemente, a minha filha estar sendo uma espécie de "cobaia". tenho medo, enfim, de só enxergarmos que foi uma escolha equivocada quando a minha filha não puder mais recuperar esse tempo perdido. Estamos escolhendo por ela, afinal. E se ela nos culpar futuramente por uma escolha tão radical? e se a solução, ao invés de negar a escola, não seja a de tentar mudar a escola? Enfim, entrei neste grupo para ouvir a opinião de outros pais para agir da melhor maneira. Não quero me basear só no que conheço, mas também não quero fazer da minha filha a personagem de um filme novo com final desconhecido. Podemos conversar?

14

Esses pais estão em busca de uma cidadania. Será ela uma cidadania mais preocupada com os direitos individuais, ou uma cidadania articulada aos espaços coletivos e republicanos, nos moldes da educação obrigatória? Seus praticantes estão colocando a vida privada e seus interesses individuais acima do bem comum? Como expos Lubienski (2000), as famílias ao optarem pelo ensino individualizado buscando atender as necessidades particulares de seus filhos, se descomprometem com o bem comum e a manutenção da democracia ao deixar de investir na instituição escolar e nos aparatos públicos. Passam a olhar apenas para interesses individuais e não mais a se preocupar com a coletividade.

Ao optar por essas práticas, pagamos um preço por essa escolha, a partir do momento que nos tornamos responsáveis por ela.

A prática da desescolarização funciona nas comunidades que existem no interior do Brasil, ecovilas ou com famílias que moram em zonas rurais¹⁵. Nesses

¹⁴ 26/6/2017. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/desescolarizacao/permalink/1374504699301209/> Acesso em: 3/7/2017

¹⁵ Como no Brasil a prática de *homeschooling* ou *unschooling* não é reconhecida pelo MEC, nas cidades pequenas, rurais, a Secretaria de Educação ou o Conselho Tutelar fazem mais vistorias nas famílias, e, as denúncias são feitas por vizinhos e familiares. No dia 22/11/16 o Ministro Luís Roberto Barroso assinou a petição nº 65992/2016 que suspende todos os processos contra famílias nessa situação até que sejam julgados os 18 processos que tramitam nos tribunais sobre constitucionalidade do ensino domiciliar, para evitar decisões contrárias à eventual decisão contrária do STF (Anexo 1). Disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudenciaRepercussao/verAndamentoProcesso.asp?incidente=4774632&numeroProcesso=888815&classeProcesso=RE&numeroTema=822>. Acesso em 25/1/2018. No Senado, o Projeto de Lei nº 28, de 2018, de autoria do Senador Fernando Bezerra Coelho

locais, as famílias compartilham um sistema de valores e uma vida diária organizada de uma forma onde dedicam a energia e espaço necessário para a "escola livre". Dentro desse espaço de liberdade, constroem sua própria civilização. Nessa sociedade, a criança se desenvolve de acordo com seu ritmo e os pais contam com a ajuda de todos da comunidade: ensinando, cuidando, olhando e disciplinando. A meta a ser alcançada é a harmonia possível entre as demandas das pulsões e a efetividade da satisfação do grupo. Dentro dessa sociedade que criaram pra si, conseguem dominar o mal-estar social produzido pelo desamparo.

3.5

O empoderamento feminino e seus reflexos na prática do *homeschooling*

A relação das mães em práticas de desescolarização com seus filhos, e com a sociedade já é significativa. Elas encaram como um avanço feminista, escolherem esse modo de vida. Nessa patrulha, sobre as maneiras que existem de criar e educar filhos, algumas mães criticam que o foco não deveria ser a maneira como os filhos são criados, mas sim, na decisão de ter ou não filhos. A maternidade não é algo que possa ser vivido de forma natural e por qualquer um nos dias de hoje¹⁶.

A principal oportunidade que podem dar aos seus filhos não é a escola, e sim o seu tempo: tempo para brincar, tempo para se conectar, tempo para escutar. No documentário *Ser e Vir a Ser*¹⁷, temos dois depoimentos que

(MDB/PE), Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever que a educação domiciliar não caracteriza o crime de abandono intelectual, estabelecendo que o crime de deixar de prover à instrução primária de filho em idade escolar não ocorrerá se os pais ou responsáveis ofertarem aos filhos educação domiciliar. Em consulta pública no site do Senado, até o dia 20/6/2018 haviam 10.228 votos favoráveis contra 553. Disponível em <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/132151>. Acesso em 20/6/2018.

¹⁶ Salgado (2018) analisa que na maternidade contemporânea temos que lidar com questões como: pressão profissional, parentalidade tardia, falta de uma rede familiar de apoio por perto, necessidades de consumo massificado, estresse, relacionamento das figuras parentais parametrizados por fantasmas contemporâneos, protagonismos da estética e culto da juventude, individualismo e realidade digital. Para essa sociedade contemporânea a maternidade por si só não é percebida como uma situação que confere poder à mulher. A maternidade pode, sim, ser uma parte de um kit de poder se estiver associada a outros elementos que não a identifiquem como uma mãe do passado. Nesse contexto contemporâneo, a maternidade passa a ser mais um "pratinho" entre tantos a equilibrar. Freud nos diz que o investimento narcísico dos pais irá servir de base para a organização psíquica da criança. Não há como se meter na maternidade sem que se tenha começado um percurso analítico. Apenas dessa forma se tem alguma chance de tentar criar uma maternidade com mais liberdade em relação ao grande Outro materno.

¹⁷ O documentário *Being and Becoming* (2014) de Clara Bellar explora o conceito e a opção de não escolarização dos filhos, a confiança de deixá-los descobrir livremente o que realmente lhes motiva. A cineasta viajou entre os EUA, Alemanha (onde é ilegal não ir à escola), França e Reino

ilustram essa questão: "seu filho é a sua carreira. Os filhos são os convidados da sua vida, você deve mostrá-la para eles, compartilhar tudo o que te toca, gosta e move. Compartilhar, não impor", e "a única coisa que posso dar a eles totalmente é meu tempo. Carreira e trabalho ficam de fora".

O retrato que as mídias fazem das mães é que elas são multitarefas, felizes com seus filhos e sua família. Podemos aqui citar como exemplo uma situação que a mãe tenha um contexto profissional de muito prestígio ao qual não se deixe afetar pela maternidade, um corpo perfeito que não denuncie o histórico de gestações, uma vida social, de viagens e de romance que não seja atrapalhada por compromissos e entraves maternos. "Ela trabalha isso tudo, viaja isso tudo, tem esse corpo maravilhoso, vai a todas as festas, é bem desenvolvida espiritualmente, corre maratonas, viaja a sós com seu parceiro e *ainda por cima* é mãe." Porém, esse retrato está longe da perfeição. O exercício da maternidade é cansativo e cheio de preocupações e insatisfações. Numa pesquisa realizada pelo Instituto Qualibest¹⁸, um ponto levantado é que, embora difícil, a mística em torno da maternidade e do papel sagrado de mãe se mantêm.

A vida da mãe é mais do que cansativa, é exaustiva. A ideia dessa mulher multitarefa é verdadeira, mas é insustentável: escassez de tempo e energia para brincar e ajudar os filhos, sentimento de culpa ou de frustração.

Eu acordava, aprontava as crianças, levava-as à escola. Então buscava, ajudava com lanches, lição de casa, e outras refeições até dormirem. Eu era uma babá, não era mais uma mãe. Eu não era mais nem uma pessoa, não tinha mais nada. Eu estava vazia. Não se trata de uma necessidade excessiva de viver exclusivamente com os filhos. Vejo isso como um grande avanço feminista. Tenho a escolha, posso trabalhar fora de casa, e também posso trabalhar em casa. Apoio meus filhos no processo de aprendizado, mas também tenho uma atividade pessoal além disso. Então tenho escolha. Não preciso escolher entre cuidar de filhos ou trabalhar. Posso fazer ambos se quiser. É incrível! (depoimento do documentário "Ser e vir a ser").

Para Bourdieu (2014) esse espaço em que as mulheres se situam é limitado. O trabalho doméstico é privado e escondido, podendo ser invisível e vergonhoso, como cuidar de crianças. "Elas estão condenadas a dar, a todo

Unido para conhecer famílias que estão vivenciando ou tenham vivenciado esta experiência. O documentário busca pela verdade sobre o desejo inato de aprender. Trailer disponível em: <https://youtu.be/lpzhUhAiOhw> Acesso em 10/2/2018

¹⁸ A nova mãe brasileira. Pesquisa disponível em <https://www.institutoqualibest.com/familia/a-nova-mae-brasileira/>. Acesso: 19/5/2017

instante, aparência de fundamento natural à identidade minoritária que lhes é socialmente designada." (p. 41) Essa é a lógica da relação de dominação entre homens e mulheres, o ambiente familiar é a oposição entre o universo público, masculino, e o mundo privado, feminino.

Compreendemos que, por essa lógica, a própria proteção "cavalheiresca", além de poder conduzir a seu confinamento ou servir para justificá-lo, pode igualmente contribuir para manter as mulheres afastadas de todo contato com todos os aspectos do mundo real "para os quais elas não foram feitas" porque não foram feitas para elas (p.77).

 aqui decidimos que eu não trabalharia fora, faço alguns trabalhos em casa com horários flexíveis. E mais apertado financeiramente, mas é mt melhor!

Curtir · Responder · 1 a

 normalmente vejo esse formato mesmo: a mãe deixa de trabalhar ou só complementa a renda e se ocupa dos filhos. No meu caso, sou funcionária pública e gero a maior renda aqui em casa. E o pai, que teria o horário relativamente flexível, não tem o menor perfil pra ser pai em tempo exclusivo. E não sei se eu poderia fazer outra coisa que gerasse a renda que precisamos pra nos manter. Abrir mão de um concurso é coisa pra pensar demais.

Curtir · Responder · 1 a · Editado  1

19

 8 de fevereiro de 2017

Alguém aqui já passou por essa situação que vou descrever? Como fizeram?

Meus filhos são unschoolers. Meu marido e eu temos tido um esquema de ficar com eles, pq eu não estava trabalhando fora e tal. Acontece que agora eu quero muito trabalhar. Terminei minha graduação e quem termina quer exercer, né? E as crias? Juro que estou desesperada pensando no que fazer com elas.

Não tenho rede de apoio na família. A única pessoa que posso contar é minha mãe e ela vai ficar com os bebês de menos de 2 anos. Ela não consegue ficar com os maiores.

A única alternativa que vejo é colocar na escola pública, mas me desanima horrores isso.

Alguém com sugestão ou abraço compreensivo?

20

A arquitetura da construção ideológica dessa sociedade separou o lar (mulheres) e a vida no mundo exterior (homens). A ideologia pública de criação

¹⁹ 19/9/2016. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/unschoolingbrasil/permalink/1335358033156000/> Acesso em: 13/10/2017

²⁰ 8/2/2017. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/unschoolingbrasil/permalink/1538382572853544/> Acesso em: 13/10/2017

apropriada de crianças estimulou as mães a ficarem em casa com seus filhos, mantendo assim um comportamento altruísta com sua prole. (Hays, 1996, p.3). A maternidade conferia algum status à mulher. Uma vez que sua situação social não era das melhores, ao se tornar mãe, garantia a perpetuação da situação em que era cuidada por alguém: primeiro pelo pai, depois marido, e, última análise seria cuidada pelo filho.

Nas últimas décadas, temos mais da metade de mulheres no mercado de trabalho. Cresce a imagem de mulheres atuantes no mundo de negócios e competitivas. Paralelamente, surgem novos tipos de famílias. Há uma ruptura com valores e modelos de relações familiares tradicionais. Diante desse quadro, era de se esperar uma ênfase menor na ideologia de cuidados e dedicação materna intensiva. Isto impacta emocionalmente o trabalho das mulheres.

A maternidade sempre vem carregada de culpa. Ao elevar o estado de mãe para uma coisa sacra, reforçamos mais trabalho, mais exaustão, porque a mãe tem que ser essa do lugar santificado. Historicamente é o espaço que a mulher conseguiu conquistar nessa sociedade: é ela quem pari o herdeiro. A narrativa dessa mãe sagrada empodera as mulheres. Acaba sendo a protagonista, por isso dão muita importância e querem assumir tudo sozinhas.

O trabalho doméstico que cabe à elas, tem a finalidade de manter a integração da família, sustentando as relações de parentesco e mantendo as relações e projeções sociais da família (Bourdieu, 2014, p.116).

Nas décadas anteriores, as mães eram reprimidas, não tiveram chances ou oportunidades, pelo próprio machismo, e não tinham essa clareza de poder escolher o que queriam fazer, de ser quem elas queriam ser, de poder ter vida social e amorosa. Acabaram projetando nos filhos o que não conseguiram. Os filhos eram seus projetos de vida. Bourdieu analisa que esse trabalho doméstico não tem retribuição financeira, a mulher se sente desvalorizada por esse tempo não ter valor de mercado. Por estarem confinadas a essas atividades estão muito mais dispostas à serem caridosas (p.117). O problema é que maternidade não é projeto social.

3.6

A expansão da internet e seu impacto no *homeschooling*

Essa mudança de pensamento ocorre no momento em que os avanços tecnológicos fazem crer que tudo é possível. Se já é uma realidade viabilizada pela internet termos empregos e executar funções profissionais em horários e locais livres, por que não educar os filhos de uma forma mais livre, não enquadrada?

A constituição do direito legal do *homeschooling* coincidiu com a expansão da internet, contribuindo para seu crescimento na década de 1990 ao facilitar o uso de materiais, pesquisas pedagógicas e a conexão entre famílias *homeschoolers*. O uso da internet com a educação à distância redefiniu a natureza da escolarização, apresentando um benefício cívico aos *homeschoolers* ao proporcionar oportunidade de comunicação entre seus membros. A internet e o ensino em casa possibilita a criação de "comunidades virtuais", próprias para aqueles com interesses especializados, oferecendo aos seus indivíduos uma nova capacidade de personalizar as informações, de escolher o que se quer saber, ou o que acham particularmente interessante. Os pais acreditam ser capazes de fazer um melhor trabalho.

A prática moderna da educação em casa contribui para gerar um mercado cada vez mais lucrativo. Editoras, empresários da internet, entre outros, rapidamente se movimentaram para responder a demanda desse público, também criando novas plataformas para o ensino como a Clonlara²¹.

²¹ A Clonlara School foi fundada em 1967 por Pat Montgomery e o seu marido. tem sido uma das principais defensoras da educação alternativa e do ensino doméstico nos Estados Unidos. Pat Montgomery foi fundamental na legalização e aceitação do *homeschooling* nos E.U.A. tendo, na década de 1980, instaurado um processo contra o Estado do Michigan em nome da Clonlara e das famílias que praticavam o ensino doméstico. Se descrevem como um novo paradigma na educação e tem um programa disponível em 38 países. Permite ao aluno participar da criação e implementação de seu currículo. Promovem a autonomia do aluno através de programas e serviços que reconheçam e suportem a sua curiosidade, valências, interesses e talentos individuais. O programa de tutoria permite a validação do diploma ao término do ensino doméstico, possibilitando que o aluno preste vestibular e, caso queira, com os estudos em nível superior fora do Brasil (o MEC não aceita), pois é aceito por muitas universidades norte-americanas. <http://www.clonlara.pt>

 5 de março de 2017

Bom dia grupo !!!
 Meu filho tem 13 anos e foi desescolarizado.
 Gostaria de saber se alguém aqui tem filhos desescolarizados nessa idade.
 Como organizou a rotina diária, propostas de aprendizagens....
 Eu "matriculei" ele no Clonlara.
 To tentando formar uma rede de apoio no RJ para essa etapa cheia de desafios

Obrigada.

22

 No unschooling não há "propostas de aprendizagem". Há inversão do fluxo do aprendizado: em lugar de chegarmos com um conteúdo que julgamos conveniente, obrigatório, mínimo, etc, a criança/adolescente demonstra seus interesses e encaminhamos onde encontrar respostas: Internet, YouTube, livros, bibliotecas, tutores, etc. Fácil. Porém não é simples.

Não precisa de "assessoria" para isso. Precisa de apoio, presença, disponibilidade e principalmente confiança.

Curtir · Responder · 1 a  2

 No meu caso ele foi matriculado no Clonlara para ter histórico escolar que é válido fora do Brasil
 E em breve estaremos fora
 E ele faz o americano

Curtir · Responder · 1 a

 Compreendo amiga. Mas isso é só para quem tem condições de ir-se. Eu não tenho.

Curtir · Responder · 1 a

23

O crescimento, expansão e modernização do movimento *homeschool* transformou-se em um grande negócio: mobiliza editoras, venda de materiais na internet, entre outros, proporcionando grandes lucros (Gaither, 2008). O autor avalia que, apesar de muitos pais ensinarem os filhos em casa como um protesto contra a educação pública e a privada, cada vez mais pessoas optam por essa modalidade de ensino porque faz mais sentido às circunstâncias familiares do momento: "eles são os novos educadores domésticos, retornando à prática histórica do uso da casa para educar por razões pragmáticas ao invés de ideológicas" (Gaither, 2009, p.342).

²² 5/3/2017. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/unschoolingbrasil/permalink/1567055623319572/> Acesso em: 13/10/2017

²³ 5/3/2017. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/unschoolingbrasil/permalink/1567055623319572/> Acesso em: 13/10/2017

4

Cenário

Quando se fala em educação, percebemos que a verdade não tem ponto final, tem pontos de vista.

A recusa à educação formal possibilita o surgimento de múltiplos modos de vida. Apesar de muitos pais ainda ensinarem os filhos em casa como um protesto contra a educação pública, a opção por essa modalidade de ensino cada vez mais faz mais sentido às circunstâncias familiares do momento. Esses novos educadores domésticos recorrem à essa prática por questões pragmáticas ao invés de ideológicas.

Na América do Norte esse movimento é composto majoritariamente por cristãos protestantes conservadores. Essa prática de ensino proporciona às famílias religiosas oportunidade de resistência à cultura contemporânea, questionamento e suspeita das instituições e seus profissionais, controle parental e um entrelaçamento das questões acadêmicas com as religiosas. Muitos desses novos educadores domésticos estão escolhendo essas práticas por razões ideológicas, através de recursos online, que tem se multiplicado para atender a necessidade de todos.

O movimento da educação domiciliar não é homogêneo. Inclui pessoas de um amplo espectro de crenças religiosas, educacionais, políticos e ideológicas, além de ser atravessado por questões raciais e de classe. Ao mesmo tempo em que se revela um grupo diversificado pela vasta gama de culturas, ideologias e práticas, esse grupo também apresenta um intrigante exemplo onde a política da extrema direita se intersecta com a da extrema esquerda²⁴. Essa é a linha

²⁴ A repórter americana Nikole Hannah-Jones investigou na cidade de Nova York, uma das três cidades mais segregadas dos EUA, porque as escolas continuam mantidas por "escolhas individuais". O sistema escolar de Nova York está entre os sistemas escolares mais raciais e economicamente segregado. Como repórter decidiu catalogar os danos dessa segregação escolar e o tipo de necessidade de integração com a sociedade. Na pesquisa, mostrou a hipocrisia de pessoas progressistas que dizem acreditar na desigualdade, mas quando se trata de suas escolhas individuais, como para onde vão enviar seus filhos, tomam decisões muito diferentes. A segregação escolar é tanto estrutural quanto sistêmica, mas é sustentada pelas escolhas individuais. Enquanto os pais continuarem a fazer escolhas que só beneficiem seus próprios filhos, não adianta ter o discurso da igualdade se não o fizer: não haverá mudança. O trabalho da jornalista mostra como a segregação e a desigualdade foram intencionalmente criadas com recursos do Governo Federal, Estado, Governos municipais e cidadãos privados, e, não fazem nenhum esforço para consertar essa desigualdade. Se acreditamos no sistema público de ensino, e elas devem beneficiar todas as crianças, é o entendimento que, não importar de onde você vem,

comum que une a maioria, é essa convicção de que os pais devem ser capazes de moldar a educação de seus filhos, tendo o governo pouca ou nenhuma palavra a dizer (Kunzman, 2012).

No Brasil, cresce o número de famílias que resolvem ensinar os filhos em casa, mas, como o entendimento comum é que a prática é ilegal no país, torna-se difícil uma categorização desse público. Vieira (2012) realizou um estudo com 62 famílias brasileiras que praticam clandestinamente o ensino em casa, e seu resultado evidenciou que: quase a totalidade dos pais educadores é casada e possui elevado capital cultural e grau de escolaridade superior à média nacional; a maioria dos pais declarou-se ligada a alguma religião cristã; a mãe está à frente do processo de educação, tendo abdicado de emprego e carreira profissional em mais de 70% das famílias, enquanto o pai possui emprego remunerado fora do lar; a grande maioria pertence à classe média.

As famílias que compõem o Coletivo Barro Molhado tem quantidade de tempo para ficar com os filhos. Na maioria dessas famílias a necessidade de tempo longe dos filhos não chega a ser diária. Essas famílias são compostas de pessoas que nasceram em condições socioeconômicas favoráveis e tiveram acesso à escola regular e mesmo ao ensino superior (Gonçalves, 2016).

Nas questões socioeconômicas é onde surgem as maiores críticas à prática da desescolarização. Uns preferem defender as melhorias no ensino público, mesmo apoiando e reconhecendo que é um privilégio para os pais que escolhem essa anarcoexperiência. Outros consideram a desescolarização "modinha de classe média para esvaziar espaço público", "transformaram um conceito sério anarquista em algo totalmente diferente". A desescolarização não passa de uma "nova roupagem" do capitalismo, e se preocupam dos pobres "caírem nessa", pois os estudos e o diploma na vida deles são questão de sobrevivência na sociedade. Alegam que é muito fácil dizer "que não precisa de escola quando se tem vários privilégios e muito dinheiro", e que essas pessoas querem viver em uma bolha.

todas as crianças devem receber a mesma educação. O que faz da criança uma boa cidadã é de que mesmo as crianças que têm menos recursos não são menos inteligentes, ou dignas umas das outras.



A educação domiciliar torna-se mais aceita, quando: a escolha pelo ensino em casa faz parte de uma filosofia e estilo de vida 'natural' da família, onde há rejeição de uma cultura do consumo, preocupações com o meio ambiente, rejeições às instituições estatais; a escolha relacionada a interações sociais, relacionadas aos valores que podem ser transmitidos nas interações presentes na escola; a escolha relacionada à proteção, quando necessário para proteger a criança de alguma vulnerabilidade, experiência negativa vivenciada na escola. Ao analisarmos o quadro sociodemográfico dos que optam pela educação fora do sistema regular de ensino, evidenciam-se recortes de classe, de raça e de gênero. Esses recortes demonstram que os envolvidos nessas práticas são os que não vivem intensamente as violências e opressões da nossa sociedade, vivem e educam em condições privilegiadas.

Contudo, ainda existem os obstáculos aos que adotam essas práticas. As famílias que decidem desescolarizar vivendo nos centros urbanos do Brasil enfrentam o desafio de manter essa filosofia dentro de uma sociedade com outras regras. Sem uma rede de apoio torna-se difícil conciliar trabalho com a educação e sociabilidade da criança. Como criar regras na sociabilidade do seu filho quando ele é o único que não pratica as atividades que as demais crianças da comunidade exercem? As regras dessa comunidade podem ser destruidoras para a prática da desescolarização: acentua-se o sentimento de não pertencer a um grupo, de se sentir excluído, e a solução acaba sendo colocar a criança dentro do sistema escolar.

Os praticantes da desescolarização não se consideram ativistas. O que querem é o fim da obrigatoriedade em matricular os filhos nas escolas do sistema. Uma vez que a sociedade capitalista não tem futuro, faz sentido viver somente para o momento, fixando os olhos nos próprios desempenhos particulares. O enriquecimento não é mais visto como sinal de sucesso individual

²⁷ 13/2/2017. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/10211111394168087>
Acesso em: 13/10/2017

e social. O que importa no momento é ser absolutamente si mesmo, desenvolver-se independentemente dos critérios do Outro.

5

Considerações Finais

O ensino doméstico é uma incógnita, isto é, nada nos diz sobre a potencialização da emancipação de indivíduos. O movimento de desescolarização avança com a propaganda de um novo modo de vida e de educação para as crianças e jovens, permeado pelas tecnologias disponíveis. O crescimento dessa prática é semelhante ao panorama vivenciado pelos países norte-americanos nas décadas de 70 e 80: a descoberta pelos brasileiros de autores como Ilich e Holt, e as experiências internacionais que chegam ao Brasil, revelam essa modalidade de ensino como exitosa. Na internet o movimento cresce mediante a criação de fóruns, blogs e grupos no facebook para a discussão do tema entre as famílias praticantes e as simpatizantes.

A maneira de pensar dominante em nosso tempo é a de que temos que nos posicionar diante das questões que nos atravessam, tanto em nossas formas de pensar e de viver como na forma de agir na vida familiar. Há uma concepção determinística e reducionista do sujeito que se relaciona com o mundo a partir de sua interioridade. A definição desse sujeito alimenta a crença de que o eu encontrará saídas e respostas às questões emergentes e que através das escolhas desse eu se conquistará mais ou menos a liberdade (Gonçalves, 2016, p.172).

O mundo e o desejo das pessoas sempre buscam a harmonia possível entre as demandas das pulsões e a efetividade de sua satisfação. Entre natureza e liberdade, o conflito continua a desestabilizar o sujeito, que busca uma harmonia ideal e um equilíbrio possível, para afastar, custe o que custar, o desamparo produzido por esse conflito. (Birman, 2000,p.144)

As articulações entre as diferentes práticas educacionais, evidenciaram que a conquista da liberdade não se restringe a certas formas de educar: permitir que as crianças façam o que quiserem não necessariamente as torna mais livres; direcionar uma ação não necessariamente se configura como um ato autoritário. Como analisou Gonçalves (2016) "ao romper com o autoritarismo, perdemos o lugar de autoridade do adulto e criamos através de discursos que focam no querer, no desejo, na vontade e no interesse, práticas tão ou mais opressoras quanto aquelas visivelmente endurecidas e impositivas" (p.174).

A inserção dessa prática educacional pela ótica da política-econômica neoliberal, encontrou eco na lógica de que tudo o que é público é negativo e tudo que é privado é positivo (Pedroni, 2003). A família toma para si a tarefa que, em determinado momento, foi delegada ao Estado. Para os que identificam o *homeschooling* com o movimento neoliberal, constatam que ele possui uma característica eficaz de sedução, é acessível e tem bons resultados.

Romper com a relação compulsória entre o sujeito e a escola contém riscos. A liberdade de escolha pode deixar lacunas que, no abandono da educação institucional, permitem a ascensão de outras ideologias, que podem ser mais difíceis de serem avaliadas e analisadas em suas fragilidades, posto que o debate pode ficar empobrecido. Entender o fim das instituições como resposta para a crise no sistema regular de ensino é um equívoco. Podemos desejar ou criar práticas que não façam parte dessas organizações, mas diante de um novo regime de dominação, elas não se configuram como suficientes na garantia de exercícios de resistência e, mesmo nelas, podem se configurar produções opressivas e assujeitadoras. Educar em meio aberto, fora de instituições não garante nada. Não basta estar fora da escola para romper com os vínculos do nosso tempo. Inventar maneiras de viver e educar que rompam com o que domina no cenário escolar é expressão da potência de criação, resistência, e pode se constituir como máquina de guerra (Gonçalves, 2016). Para Lasch (1983), o declínio da autoridade institucionalizada em uma sociedade ostensivamente permissiva encoraja o desenvolvimento de um superego severo e punitivo "que extrai a maior parte da sua energia psíquica, na ausência de proibições sociais autoritárias, dos impulsos destrutivos e agressivos do id" (p.27).

As famílias que optam por essa modalidade de ensino são criticadas por escolherem um ensino individualizado, focado no desenvolvimento de seus filhos. Investindo seu capital cultural e econômico apenas nos seus filhos, estão reiterando seu descompromisso com a escola enquanto instituição promotora de um bem público a serviço de toda a sociedade.

No Brasil, o ensino em casa não se mostra viável para todos. O movimento da educação domiciliar chama a atenção de que o dever de educar é da família e não da escola, a escola no máximo colabora com a família. A própria CF/88 diz que a educação é dever do Estado e da família. A sociedade por meio da escola pode colaborar. A escola apenas instrui

Por outro lado, há um entendimento de que as escolas não podem ser a única via da educação para a cidadania de todos (Arai, 1999). Isso leva a reconhecer que as crianças que são ensinadas em casa podem ser bons cidadãos, mesmo se sua visão de cidadania for algo diferente daquela ensinada nas escolas.

Ao buscarmos mudanças nas maneiras de educar, somos chamados a mudar nossa maneira de viver, nosso processo de subjetivação.

Estar fora do sistema escolar não estabelece garantia de libertação ou emancipação.

6

Uma breve recomendação final

Sobre a interseção do universo feminino e da maternidade na contemporaneidade interferindo na opção pela desescolarização, recomenda-se um estudo maior, abordando e analisando os aspectos que atravessam o campo materno, interferindo e influenciando seus sonhos, desejos, planos, perspectivas e frustrações.

7

Referências Bibliográficas

ARAI, B. A. *Homeschooling and the Redefinition of Citizenship; Education Policy Analysis Archives*, 7(27), 1999.

ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**; São Paulo, SP: Perspectiva, 1978.

ARINELLI, R; CURY, D. e WALLAUER, J. **#233: Capitão Fantástico**. Cinem(ação), 30 jun. 2017. Podcast. 135 min. Disponível em: <<https://cinemacao.com/podcast-cinemacao-233-capitao-fantastico/>>. Acesso em 5/8/2017.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**; tradução Plínio Dentzien - Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

BARBOSA, L. M. R. **Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?**; São Paulo, SP: USP, 2013.

BARBOSA, L. M. R. e OLIVEIRA, R. L. P. **Apresentação do Dossiê: Homeschooling e o Direito à Educação**; Revista Pro Posições; Campinas, SP: Unicamp, 2017. v.28, n.2 (83) p.15-20.

barromolhadoblog.wordpress.com

BARTIS, C; CAROLINA, I; LERER, R. e WALLAUER, J. **#147- Mães e Tabus**. Mamilos, 11 Mai. 2018. Podcast. 108 min. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/90724/mamilos-147-maes-e-tabus/>>. Acesso em 10/6/2018.

BARTIS, C; BEGUOCI, L; OTAROLA, J. e WALLAUER, J. **#148- Escola Sem Partido**. Mamilos, 22 Mai. 2018. Podcast. 112 min. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/91115/mamilos-148-escola-sem-partido/>>. Acesso em 15/6/2018.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**; tradução Floriano de Souza Fernandes - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação**; Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2000.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**; tradução Maria Helena Kühner - Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2014.

BREWER, T. J. e LUBIENSKI, C. **Homeschooling in the United States: Examining the Rationales for Individualizing Education**; Revista Pro Posições; Campinas, SP: Unicamp, 2017. v.28, n.2 (83) p.21-38.

CAFARDO, R. **Cresce busca por espaços informais de educação infantil**. O Estado de S.Paulo, 12 Mar. 2018. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-busca-por-espacos-informais-de-educacao-infantil,70002223145>> Acesso em 24/4/2018.

CALDAS, D. **A reinvenção do tempo: aceleração e desaceleração na sociedade e no consumo**; São Paulo, SP: E-ODES, 2014.

CAPITÃO FANTÁSTICO. Direção: Matt Ross, Produção: Monica Levinson, Jamie Patricof, Shivani Rawat e Lynette Howell Taylor. E.U.A: Universal Pictures, 2016.

CARPEGIANI, F. **Creche parental: como as famílias se organizam para cuidar das crianças**. Revista Crescer, 23 Jun. 2017. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Familia/Rotina/noticia/2017/06/creche-parental-como-familias-se-organizam-para-cuidar-das-criancas.html>>. Acesso em 6/10/2017.

CÉSAR, M. R. A. e DUARTE, A. **Governo dos corpos e escola contemporânea: pedagogia do fitness**; Educação e Realidade; Porto Alegre, RS, 2009. 35 (2) p.119-134.

CONVERSA COM BIAL. Globo, 31 jul. 2018. Programa TV. 44 min Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6912786/programa/>. Acesso em 1/8/2018.

DAVIES, S. e AURINI, J. **Home Schooling and Canadian Educational Politics: rights, pluralism and pedagogical individualism**; Evaluation & Research in Education. v. 17, issue 2 & 3, May 2003.

DELEUZE, G. **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle**; In Deleuze, G., Conversações. tradução P. P. Pelbart - Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1992. p. 219-226.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**; tradução Paulo Neves - São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France**; tradução E. Brandão - São Paulo, SP: Martins Fontes, 1978-1979.

GADELHA, S. S. **Governamentalidade Neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo**; Educação & Realidade; Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009. 34 (2) p.171-186.

GAITHER, M. **Homeschool: An American history**; New York, NY: Palgrave Macmillan, 2008.

GAITHER, M. **Homeschooling in the USA: Past, present and future**; *Theory and Research in Education*, 7(3), 331-346, 2009, November.

GONÇALVES, M. P. C. **Práticas educacionais e processos de subjetivação em meio a propostas de desescolarização: tensões, potências e perigos**; São Paulo, SP: USP, 2016.

HAYS, S. **The cultural contradictions of motherhood**; New Haven, CT: Yale University Press, 1996.

_____. **How The Systemic Segregation Of Schools Is Maintained By 'Individual Choices'**. Fresh Air, 13 out. 2017. Podcast. 35 min. Disponível em: <<https://www.npr.org/2017/10/13/557558468/how-the-systemic-segregation-of-schools-is-maintained-by-individual-choices>>. Acesso em 8/1/2018

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**; tradução de Lúcia Mathilde Endlich - Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

KUNZMAN, R. **Education, Schooling and Children's Rights: the Complexity of Homeschooling**; Educational Theory, vol 62, n. 1, p. 75-89, February 2012

Lasch, Christopher. **A cultura do narcisismo**; tradução de Ernani Pavanelli - Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1983.

Lipovetsky, Gilles. **A felicidade paradoxal**; tradução de Maria Lucia Machado - São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

LUBIENSKI, C. **Whiter the Commom Good? A Critique of Home Schooling**; In Peabody Journal of Education, 75(1&2), pp. 207-232, 2000.

MOORE, R. S., MOORE, D. N. **Better late than early: A new approach to your child's education**; Reader's Digest Association, 1989.

NOGUERA-RAMIREZ, C.E. **Pedagogia e governamentalidade ou Da Modernidade como uma sociedade educativa**; São Paulo, SP: Autêntica, 2011.

NUNES, N. A. e ASSMANN, S. J. **A escola e as práticas de poder disciplinar**; Revista Perspectiva; Florianópolis, SC: UFSC, 2000. v.18, n.33 p.135-153.

PEDRONI, T. Introdução crítica In TORRES SANTOMÉ, J; PARASKEVA, M. e APPLE, M. W. **Ventos de desescolarização. A nova ameaça à escolarização pública**; Orgs.; Lisboa: Plátano Editora, 2003. p.5-14.

PIANCA, B. **Cresce o número de crianças desescolarizadas no Brasil**. Digitais PUC-Campinas, 18 Mai. 2015. Disponível em: <<https://digitaispuccampinas.wordpress.com/2015/05/18/cresce-o-numero-de-criancas-desescolarizadas-no-brasil/>>. Acesso em 11/02/2018

PORTILHO, G. **Educação fora da escola**. Revista Crescer, 14 Abr. 2015. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2015/04/educacao-fora-da-escola.html>>. Acesso em 6/3/2018.

REICH, R. **Testing the boundaries of parental authority over education: the case of homeschooling**; Political and Moral Education, NOMOS XLIII. New York University Press, 2002.

RIBEIRO, A. M. C. e PALHARES, J. **O homeschooling e a crítica à escola: hibridismos e (des)continuidades educativas**; Revista Pro Posições; Campinas, SP: Unicamp, 2017. v.28, n.2 (83) p.57-84.

OLIVEIRA, R. L. P. e BARBOSA, L. M. R. **O neoliberalismo como um dos fundamentos da educação domiciliar**; Revista Pro Posições; Campinas, SP: Unicamp, 2017. v.28, n.2 (83) p.193-212.

SACRISTÁN, G. **A Educação Obrigatória: seu sentido educativo e social**; Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

SALGADO, M. **Que tiro foi esse? Maternidade contemporânea**. Manifesto Psicanalítico 13 Ago. 2018. Disponível em: <<https://manifestopsicanalitico.wordpress.com/2018/08/13/que-tiro-foi-esse-maternidade-contemporanea/>>. Acesso em 13/8/2018.

SARAIVA, K. e VEIGA-NETO, A. **Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea**; Educação & Realidade; Porto Alegre, RS, 2009. 34 (2) p.187-201.

SEDLMAYR, A. **Livre para crescer**; Smashwords, Inc., 2014.

SER E VIR A SER. Direção: Clara Bellar, Produção: Clara Bellar. Canadá: Pourquoi Pas Productions, 2014.

SILVEIRA, L. M. O. B. **A interação família-escola frente aos problemas de comportamento da criança: uma parceria possível?**; Porto Alegre, RS: PUC-RS, 2007.

TORRES SANTOMÉ, J. **Escola e família: duas instituições em confronto?** In PEDRONI, T; PARASKEVA, M. e APPLE, M. W. **Ventos de desescolarização. A nova ameaça à escolarização pública**; Orgs.; Lisboa: Plátano Editora, 2003. p.15-56.

VASCONCELOS, M. C. C. **Educação na casa: perspectivas de desescolarização ou liberdade de escolha?**; Revista Pro Posições; Campinas, SP: Unicamp, 2017. v.28, n.2 (83) p.122-140

VASSALLO, M. **Mães: o que elas têm a dizer sobre educação**; Rio de Janeiro, RJ: Guarda-chuva, 2007.

VIEIRA, A. O. P. **"Escola? Não, obrigado": Um retrato do homeschooling no Brasil**; Monografia (Graduação). Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, 2012.

Imagem 1



Petição nº 65992/2016 assinada pelo Ministro Luís Roberto Barroso.